

Silêncios que assombram: encantamentos de dois corpos nos limiares da cidade

*Elton Silva Ribeiro*¹

*Lázaro Batista*²

*Luis Antonio Baptista*³

Universidade Federal Fluminense

Resumo: este artigo ensaia um encontro inusitado entre personagens infames de distintas urbes brasileiras. Trata-se de uma fabulação de encantados, cujas existências acreditamos que desafiam e assombram a eficácia do planejamento de cidades que se querem modelos. Desse modo, fazemos uso da cidade como categoria analítica para colocar em cena personagens que animam a inconclusividade da urbe. Pela narração de suas histórias, não se pretende incidir mais luz sobre seus corpos, mas sustentar que – em espaços inconclusos onde o silêncio habita – torna-se possível insinuar um mundo que não cabe em linhas duras quaisquer e ouvir o murmúrio da vida que se politiza sem recorrer ao alarde.

Palavras-chave: cidades; narração; silêncio.

RIBEIRO, Elton Silva; BATISTA, Lázaro; BAPTISTA, Luis Antonio. **Silêncios que assombram: encantamentos de dois corpos nos limiares da cidade.** *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 10 (24): 353-366, setembro a dezembro de 2023. ISSN: 2358-5587

¹ Psicólogo com atuação na Rede de Atenção Psicossocial do Rio de Janeiro. Doutor em psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

² Doutor em Psicologia – Estudos da Subjetividade – pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente do Curso de Psicologia do Campus Arapiraca e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas. Bolsista do Programa de Auxílio à Pesquisa da FAPEAL (003/2022).

³ Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo e estágio pós-doutoral na Faculdade de Sociologia da Universidade de Roma "La Sapienza". Professor Titular aposentado de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

Silences that astonish: enchantments of two bodies on the thresholds of the city

Abstract: This article describes an unusual encounter between infamous characters from different Brazilian cities. It is a fabulation of enchanted people who challenge and astonish the effectiveness of urban planning. Therefore, we resorted to the city as an analytical category to stage characters that animate the inconclusiveness of the city. Through the narration of their stories, we intend to vindicate that in inconclusive spaces where silence dwells, it becomes possible to think of another world and hear the murmur of life that becomes politicized without the need for fanfare.

Keywords: cities; narration; silence.

Silencios que asombran: encantamientos de dos cuerpos en los umbrales de la ciudad

Resumen: Este artículo describe un encuentro inusual entre personajes infames de diferentes ciudades brasileñas. Es una fabulación de personas encantadas que desafían y asombran la eficacia del urbanismo. Por ello, recurrimos a la ciudad como categoría analítica para escenificar personajes que animan lo inconcluso de ella. A través de la narración de sus historias pretendemos reivindicar que en espacios inconclusos donde habita el silencio, se hace posible pensar en otro mundo y escuchar el murmullo de la vida que se politiza sin necesidad de estridencias.

Palabras clave: ciudades; narración; silencio.

Um encontro

Algo como uma névoa espessa preenche e dá ao lugar imprecisão. Opaca indefinição que parece anunciar um fim de tarde. Turvado pela pouca luz, a noite parece prestes a cair. Ou seria o dia que está prestes a raiar? Não há como ter certezas. Se observado com maior atenção, nota-se que o tempo naquele espaço aparenta não se diferenciar. Ali, ele não é regido por Kronos e nem sucumbe à pressa. Do pouco que se distingue, veem-se caminhos que se cruzam, mas que não se sabe de onde vêm ou aonde vão dar. Entre eles, em meio ao ambiente opaco, vislumbra-se o contorno de dois corpos enrijecidos. Naquele lugar em que quase nenhuma luz penetra, as silhuetas dos corpos anunciam o improvável: um encontro se dá.

Dela, um guarda-chuva e uma bolsa plástica, carregada em suas mãos, se deixa entrever. Dele, recortes e impressos também trazidos às mãos, além de uma sacola com alguns pertences e uma pequena anotação amarrada em um dos dedos do pé descalço. Dela, destaca-se a maquiagem de cor branca que lhe cobre a pele escura. Dele, a pele escura não esconde os dizeres do papel amarrado ao dedo: “indigente”. Silentes, eles se entreolham. No lusco-fusco daquele espaço limiar, marcas parecem carregar aqueles corpos de um peso desmedido, rastros de vidas uma vez identificadas, iluminadas, desimpedidas de dizer eu. No tempo intensivo de um simples olhar, um diálogo mudo se ensaia...

Maria, o nome dela. Mas, ficou conhecida como “velha do shopping”. Foi mais velha do shopping do que Maria e, assim, carregava um pedaço da cidade consigo. O nome dele, disseram ser José⁴. Mas era conhecido como Bob. Foi muito mais Bob do que José, graças aos longos dreads que sempre carregou. Era conhecido pela semelhança com o músico jamaicano, embora nunca tenha sido visto cantando.

Dela, dizem que gostava de frequentar os dois shoppings de uma cidade que já foi considerada a capital nordestina da qualidade de vida. Andava quase que diariamente, quando não em um, no outro. Caminhava com muitas sacolas de compras nas mãos, mas nem sempre era consumidora. Óculos escuros, muitas roupas e bastante base no rosto para proteger a sua pele. Para proteger a pele, mas também evitar assaltos. Dizem que foi assaltada e, depois disso, chegou à conclusão que se apresentando dessa forma corria um menor risco de ser abordada. Maquiava-se para se sentir mais segura, mas também contava com as espiritualidades para ajudá-la. Elas diziam quando e por onde andar. Em face do desencantamento com o mundo, encantados guiavam-na e a protegiam.

Dele, sabe-se que, do mesmo modo, vem de uma cidade que se gaba de ser muito boa de se viver. Também costumava perambular por suas extensas e largas avenidas, feitas no esquadro perfeito que traça o plano idealizado daquele lugar.

⁴ As informações aqui apresentadas tomam como ponto de partida as referências e narrativas imagéticas produzidas por Ribeiro (2022) e Fonseca (2019).

Porém, sabe-se muito mais de sua imobilidade. Na cidade feita para circular, aquele homem costumava ficar horas sob o sol escaldante, apenas sentado, olhar petrificado, cotovelos sobre os joelhos. Aparentemente absorto do fluxo da cidade, a ela se ligava por outras vias. Uma presença ausente, tal qual coisa de espíritos.

Conta-se que ela gostava de ir ao cinema e de comer em algumas lanchonetes dos dois centros comerciais. Mas, o que se sabe mesmo é que muitas pessoas a olhavam com estranheza. Suas roupas, maquiagem e maneirismos pareciam incomodar. Seu visual “extravagante” a fez ganhar aquele nome que não o do batismo.

Coisa parecida costumava acontecer com ele. Não a parte das lanchonetes. Comia do pouco que lhe ofereciam nas ruas. Donos de restaurantes, algum ou outro passante que lhe oferecesse a refeição do dia. Mas, os cabelos, o suor, o cheiro e suas roupas gastas desagradavam alguns moradores. Tinha quem lhe negasse acesso aos lugares em virtude disso. Incomodavam os fregueses. Ele e ela.

Ela não gostava muito de falar sobre si. Embora houvesse quem sempre lhe fizesse perguntas, querendo saber mais de sua vida. Para essas ocasiões, recorria a uns bilhetes pré-fabricados, que entregava quando nada queria dizer. Negava-se a dar conta da sua vida aos outros. Contudo, tinha até quem pedisse para tirar foto com ela.

Ele também não era dado ao falatório. Em virtude disso, havia quem achasse que era mudo. Outros, diziam que aquilo era coisa de voto de silêncio. Eram muitas as histórias sobre sua procedência e os supostos desatinos que o conduziram à sua solitária vida errante. Nenhuma delas contada por ele.

Ela vem de uma capital, mas que tem ares de cidade pequena. Comenta-se que foi a primeira capital planejada do país – o mesmo que se diz de outras cidades Brasil à fora. Como outras, não nasceu cidade, mas povoado. Povoado que carregava no nome a mistura de santo português com um termo tupi. Rodeado por manguezais tornou-se cidade, desenhada no traçado de um tabuleiro de xadrez. Cidade planejada de onde retilíneas ruas davam os bons ares da nascente capital da antiga província. História de tempos remotos, muito anteriores à vida dela. Entretanto, ainda presentes nas vontades e políticas direcionadas às peças estranhas a esse tabuleiro disciplinado.

A cidade dele é quase igual, mas diferente. É planejada, mas não como um tabuleiro. Seu desenho também tem inspiração europeia, mas em formato de leque. Cidade-leque que, no desenho de suas largas avenidas que conduzem ao centro, faz lembrar em seus monumentos a história recente de extermínio e exploração no Norte brasileiro. Também parece cidade do interior. E, como a dela, nem sempre quer parecer: recusa o encontro com o inusitado, acha indigna a presença de quem mancha seu desenho arquitetônico.

Sobre ela saíram diversas matérias em jornais. Numa rede social, hoje obsoleta, perguntavam: “você já viram a velha do shopping?” Assim, muitos dizeres foram produzidos acerca de sua vida. Quase nenhum emitido por ela. Aos poucos, nome completo, histórias e explicações a rodeavam. Jornais, outros, também se interessaram por ele. Também fizeram reportagens e tentaram remontar a sua história. Do mesmo modo tentaram alinhar narrativas e explicações para sua condição mundana. Por causa delas, apareceram pessoas querendo ajudá-lo. Inclusive, profissionais de saúde. Foi por meio das palavras dispersas por esses equipamentos midiáticos que o burburinho em torno daqueles velhos corpos começou a ganhar outros contornos. Foi nas palavras dos jornais que, gradativamente, luzes das cidades passaram a incidir sobre ele e ela.

Dela, alguns disseram que precisava de cuidado. Outros, problematizaram o tal pedido. Mas, a cobrança vinda da família, via Ministério Público, teria que ser atendida. Muito trabalho se deu por aqueles que problematizaram tal pedido, porém sobre isso pouco se disse. Tempos depois, através de outro jornal, falaram mais dela: “velha do shopping muda de vida”. Agora, a velha do shopping não era só Maria, era Maria José Menezes Santos, teóloga e enfermeira, 59 anos de idade. Abrira mão dos arrepiados cabelos crespos e do excesso de base no rosto. Contaram até uma história sobre o porquê de ela ter se tornado essa personagem citadina. Não ela que contou, mas sua tia, supostamente autorizada por ela. Diziam que agora estava frequentando a igreja. Vozes da tia misturadas às do jornal contavam que ela estava transformada.

Ele também precisava de cuidados, diziam os jornais. Adjetivando como abjeto o modo como ele vivia, diziam ser aquilo indicativo da falência do poder público em gerir a cidade. Moradores vociferavam a solução: “A gente queria que alguém tirasse ele daqui”. Assim se fez, resgataram-no da rua. Levaram-no ao hospital geral. Jogaram fora seus trajes maltrapilhos. Cortaram seus longos dreadlocks. Deram-lhe um endereço - “maca n. 5”. O paciente ao lado rebatizou-o: saiu o Bob, habitante da cidade, entrou o José, paciente depositado sobre a maca do hospital, despido de tudo. Restou-lhe apenas uma sacola plástica, depositada do lado do leito. Tudo isso, no silêncio do homem que fala. Ele era “um homem invisível”, mas agora também estava transformado, desde que “os dias internado no hospital deram-lhe nome e cuidados que, talvez, tenha tido pela última vez no dia de seu nascimento”, disse o jornal.

Tempos depois, quando dela já não se ouvia mais falar, uma notícia chamou a atenção da cidade-tabuleiro: um corpo imóvel fora encontrado sob o viaduto de uma de suas principais avenidas. Leitores da versão on-line do jornal que trazia a notícia comentaram que já seria a segunda pessoa, em pouco tempo, encontrada na mesma situação naquele lugar. Falaram da necessidade de uma grade de proteção cercando o viaduto para impedir que tais fatos acontecessem. Alguém disse ter visto uma mulher se debruçar sobre a “cabeceira” do viaduto feito somente para carros. Outro leitor, após saber de quem era o corpo ali encontrado, reafirmou o seu diagnóstico. Colava-se mais identidade, agora ao corpo imóvel. Aquele corpo sobre o qual se falava, logo se ficou sabendo, era o dela. Maria voltava a aparecer às luzes da cidade como aquela que ficara conhecida. Deixara-se cair com seus silêncios, contudo, o barulho de seu corpo ao encontrar com o chão fora ouvido como confissão de sua loucura. Mais uma vez fora impedida de silenciar. A notícia, que estampava a imagem de um corpo coberto por um grande plástico preto, ao lado de uma bolsa e um guarda-chuva, dizia: “velha do shopping cai de viaduto e morre”. Ele, a ribalta midiática também fez morrer. Depois de cortados seus cabelos, asseadas suas roupas, ultrajado seu silêncio contumaz, o homem tornou-se visível. Uma visibilidade que o fez entrar na história do presente de sua cidade-leque como indicativo de uma capital que cresce e se modifica. Mas, também uma visibilidade que retirou dele tudo que abrigasse algum valor histórico, singular, seu. Despossuído, limpo e em silêncio, José calou-se definitivamente alguns meses depois. A causa de sua morte tornou-se tão incerta quanto o seu modo de vida: morreu de tristeza, de problemas no coração, de complicações gastrointestinais? Morreu por ter coração de mais para a cidade que parece não querer mais sentir o sangue da vida correndo em suas longas avenidas ou por não ter mais estômago para tolerar sua miséria vendida como notícia sensacionalista? De certeza, fica apenas a pequena papeleta amarrado ao dedão do pé: “indigente”. A sanha de lhe conferir uma identidade, todavia, ainda o persegue, mesmo a sete

palmas: arranjaram-lhe um nome fictício, data de nascimento, atestado de óbito. Parentes não reclamaram o corpo. Quase ninguém compareceu ao sepultamento. Na “quadra 15, lote 7, fila 2, jazigo 32”, com o nome escrito, data de nascimento e morte que lhe arranjaram, “nenhuma cruz - nem de madeira ou ferro”, a produção de infâmia faz-se completa. O homem qualquer, tornado invisível ganha sua última identidade: “Zé Ninguém”. Sem choro, nem vela.

A fantasmagoria da cidade

O texto que aqui se apresenta ensaia um encontro inusitado entre uma mulher e um homem de duas cidades brasileiras separadas por alguns milhares de quilômetros, Aracaju, capital do estado de Sergipe, e Boa Vista, capital do estado de Roraima. Um fortuito encontro que não pretende ilustrar uma ação em comum ou se ater a tomá-lo como exemplar para digressões conceituais. A despeito disso, também ele não aparece aqui por simples acaso, de modo que há algo com o que se quer operar com as imagens que essa aparição fantasmagórica evoca.

A partir do encontro destes corpos, se deseja discutir como se operam políticas direcionadas ao abafamento, ordenamento e normalização de modos de ser no contemporâneo. Para isso, recorre-se à suspeita de que tais processos se fazem atuar por meio da produção de certa infâmia na cidade, desde que aqueles tipos despossuídos de qualquer ranço de uma subjetividade privatizada passam a ser iluminados, catalogados e geridos por forças que os querem controlados.

Como ponto de partida para que se compreenda como isso se dá, é necessário remontar as relações entre produção do espaço urbano e capitalismo. A esse respeito, consideremos, por exemplo, a curiosa observação feita por Lima Barreto, no *Jornal carioca Correio da Noite*, no início dos anos 1900, ao comentar sobre sua relação com a então recém inaugurada Biblioteca Nacional:

Pouco frequento a Biblioteca Nacional, sobretudo depois que se mudou para a avenida e ocupou um palácio americano. A minha alma é de bandido tímido, quando vejo desses monumentos, olho-os, talvez, um pouco, como um burro, mas, por cima de tudo, como uma pessoa que se estarrece de admiração diante de suntuosidades desnecessárias (...) como é que o Estado quer que os mal vestidos, os tristes, os que não têm livros caros, os maltrapilhos “fazedores de diamantes” avancem por escadarias suntuosas, para consultar uma obra rara, com cujo manuseio, num dizer, aí das ruas, têm a sensação de estar pregando à mulher do seu amor? A velha biblioteca era melhor, mais acessível, mais acolhedora, e não tinha a empáfia da atual. Mas, assim mesmo, amo a biblioteca e, se não vou lá, leio-lhe sempre as notícias. (LIMA BARRETO, 1915: s/p)

A suntuosidade da Biblioteca Nacional, segundo Lima Barreto, realizava a utopia da cidade iluminada pela razão. A mudança para a Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, permitiu ao cidadão carioca vislumbrar a arquitetura que diz à cidade o que seria o Saber e a Civilização. As intervenções urbanísticas realizadas no Rio de Janeiro por Pereira Passos no início do século vinte, inspiradas na Cidade Luz projetada pelo barão arquiteto Hausmann em Paris, afastava da urbe as sombras dos indesejáveis. A urbe projetada pelo racionalismo arquitetônico tornava desprezíveis os rumores que contrastavam com a voz solene emitida das suas linhas.

Na esteira dessas mudanças, o século XX viu muitas cidades brasileiras serem moldadas a partir dessa lógica denunciada pelo escritor. Mormente, importa aqui perceber que a assunção dessa ideia de cidade segundo o racionalismo que a tudo quer iluminar não se faz sem uma certa dose de morte da história e evocação à fantasmagoria, como aponta Benjamin (2018). Por um lado, a necessidade capi-

talística de novidade implica na produção desenfreada de atualizações que repercutem na impossibilidade de parada, densidade, reflexão. Ou seja, é pelo feitiço do novo, do cintilar das luzes, da exuberância urbana que se introjeta o fetichismo. Por outro, isso se dá num contexto de produção incessante de mercadorias que tendem a estancar o fluxo da história, na medida em que são frequentemente consumidas reproduções do mesmo. Como diz o filósofo alemão, sempre idêntico e sempre novo. É nesse sentido que Lima Barreto percebe a biblioteca carioca como um velho baú de novidades: embora recém inaugurada, é não muito mais que a repetição fantasmagórica de outra, europeia, enfadonhamente disciplinada e triste.

No pensamento benjaminiano, é patente a observação de que o desdobramento disso é a produção de uma forma-subjetividade “prenhes de afetos desencantados e desencantos do afeto”, como afirma Rebuá (2019). Isto é, enfeitizados e vorazes consumidores da cidade e das experiências que ela vende, mas muito pouco conectados a elas. Existências cujas relações sociais, tal qual a biblioteca, seriam também tentativas de reproduções de si e rechaço ao diferente.

Em Aracaju, cidade planejada em meados do século XIX e que durante alguns anos foi considerada a capital nordestina da qualidade de vida, os contornos retilíneos de seu projeto há muito foram ultrapassados. As gerências biopolíticas se atualizam e se querem normativas sobre os modos de estar na urbe, porém não impedem que corpos e práticas façam coexistir distintas cidades invisíveis, colocando em cena movimentos, estratégias e lutas antes impensadas para o tabuleiro.

Em Boa Vista, capital de Roraima, constata-se um cenário de mudança da cidade, pela conjunção entre lógicas disciplinares e dispositivos biopolíticos. Cidade planejada na década de 1940, segundo o modelo de capital concêntrica⁵, seu desenho em leque sofre progressiva transformação a partir do crescimento urbano das últimas décadas, remodelando seu traçado e fazendo aparecerem novas estratégias de intervenção.

A partir dessas observações, pretende-se nesta escrita ressaltar a tensão entre luz e sombra, discursos e silêncios ensejados pelos paradoxos e contradições de cidades que se pretendem monumento. Deseja-se explorar esboços de uma aposta ética nas entrelinhas dos rumores quase silenciosos dos “mal vestidos, dos tristes, dos bandidos tímidos” citados por Barreto. Quais insurgências urbanas podem ser empreendidas em busca da quebra da empáfia e do feitiço desencantador da cidade? Qual ética, e qual silêncio?

Assombros urbanos e heterotopias de corpos infames

Claro está que essa fantasmagoria daqueles que concebem a ideia de uma cidade rendida não se faz sem certa dose de irrealidade e utopia. É nesse entendimento que as histórias dos personagens da abertura falam de cidades utopicamente pensadas com ações, funções e lugares muito bem definidos pelos mecanismos de regulação da vida, os quais nos fazem crer que pessoas como elas são produzidas como existências inferiores, as quais não resta nenhuma possibilidade, nenhuma expressividade, nenhum valor. Se, por um lado, suas existências na cidade não implicam – a princípio – na necessidade de intervenção, acreditamos que a repercussão midiática sobre suas vidas quebra com esse equilíbrio.

⁵ Para Foucault (2008), esse modelo de cidade se organiza a partir do entendimento da capital como sendo o centro do poder econômico, político e administrativo. Sendo para ela, portanto, que convergem aqueles que precisam ou são obrigados a se relacionar com o poder.

Na esteira do pensamento foucaultiano, no lugar do interesse na produção de um corpo individual, as mudanças do espaço urbano se inserem nas tramas de um poder que se volta para o cuidado sobre a vida enquanto espécie, atentando para uma série de eventos (mortalidade, fecundidade, natalidade, higiene, etc.) que se relacionam ou dizem respeito, mais do que ao indivíduo, a uma determinada população. Nessa forma de governo, a que Foucault (2008) nominará sociedade de segurança, mais do que proibir, coibir ou exterminar a presença de elementos estranhos, a gestão da cidade se dá pela regulação homeostática entre esses elementos. Quando esse equilíbrio se rompe, então, a ação do Estado se fará forte o suficiente para retomar a normalidade.

Recorrendo a toda verborragia, dizeres e enunciados dirigidos aos dois personagens apresentados na abertura desse texto, queremos pontuar como tais existências passam a ser moduladas em torno daquilo que delas é dito, em franco detrimento de sua recusa a essas identidades, adjetivações ou personalidades. Insustentável peso do viver atribuído a homens e mulheres comuns tornando-os, assim, impossibilitados de recusar um “eu”. Ou seja, é da espetacularização de suas vidas que decorre, também, a espetacularização de ações públicas sobre eles.

Para sustentar epistemologicamente esta aposta, dialogamos novamente com Foucault (1992) quando ele nos chama atenção para o fato de que, muito mais do que reprimir o poder faz agir e falar. Os mecanismos de regulação da vida atuam engendrando histórias com início, meio e fim, atribuindo nome, sobrenome e solicitando confissões às vidas infames.

Vidas que nos apresentam a dramaticidade existencial de corpos e comportamentos que, por uma razão ou outra, não cabem na cartografia da normatização. Figuras que jamais se permitem evidenciar por completo, analisar de modo acabado e inequívoco. O que se apresenta nesses textos não são esquemas filosóficos. Ao invés, o que se mostra é uma inexactidão, à qual se atribui uma problematização interna da norma. Em nenhum momento pretende-se o retrato de uma determinada situação, e sim a busca por compreender tais gestos, crises, dilaceramentos impraticáveis, justificativas inaceitáveis, vidas inapropriadas, acontecimentos em função da ruptura filosófica que eles operam. Vidas que se chocam com o poder, com o discurso, com o espaço dos saberes legítimos e estabelecidos pelo homem moderno antropológico. (NAIDIN, 2016: 1036)

Tais vidas se notabilizam pelo fato de que seu existir passaria ao lado de todo o discurso e desapareceriam sem que nunca tivéssemos sabido delas, se não fosse o fato de em algum instante terem entrado em contato com o poder. Desde aí, dirá Foucault (1992), esses viventes passam a ser definidos por algumas poucas palavras que os tornam indignos para sempre. Vozes e rostos (des)qualificados que, por meio das palavras a eles relacionadas, transmutam-se em portadores de uma impingem de desonra, injúria e baixeza.

Mas, também se aposta aqui nas funções e táticas políticas que a presença, as histórias e os silêncios desses corpos fazem alcançar. Elas dizem respeito às formas com que se relacionam com aquelas cidade-tabuleiro ou cidade-leque, produzindo no seu bojo outros modos de experienciá-las, senti-las, compô-las. Contra aquela utopia, que, no fim das contas, produz a morte daqueles que desafiam sua quimera, ressaltamos tais existências como signatárias de um plano constituinte de outros modos, lugares e jeitos com os quais a vida pode se relacionar e/ou se constituir na cidade.

Modo de vida forçosamente heterotópico, especialmente sustentado na negação de qualquer ranço identitário. Ou, de outra forma posta, existências firmadas em certa ética da recusa: recusa à identidade, recusa às explicações apriorísticas afeitas a desvendar a “falta”, recusa à “ausência de”, sediciosa recusa às explica-

ções ou justificativas. Em seu lugar, no seu silêncio, firmam passagens pelos espaços daquelas cidades, por meio de comportamento ambíguo, incompreensível, louco. E assim fazendo, produzem desvios, instauram sentidos, usos e possibilidades de experimentação diferentes para aqueles lugares funcional e historicamente estabelecidos contrários à sua presença.

Dentro desse entendimento, ficcionar o encontro dos personagens desse texto demanda de nós apresentá-los sob a perspectiva da imensa profusão de dizeres a respeito deles proferidos. Ao mesmo tempo, pormos em relevo que essa profusão, se não fez silenciá-los, tampouco constitui-se modo de fazê-los ouvidos. Disso, decorre a opção por captar suas histórias a partir do território encantado da soleira de algo entre sua vida e morte. Um encontro silencioso, de onde jamais essas vidas infames deveriam ser arrancadas.

Recorrendo a Walter Benjamin (2018), podemos nominar esse espaço de encontro possível como o limiar de toda existência. Espaço inominável, informe, de duração e tamanho indisciplinado, nos quais os limites e contornos precisos entre realidade e fantasia já não fazem efeito ou diferença. Aliás, melhor posto, limiares nos quais o encanto da fantasia torna todo desencanto do real plenamente superável. Assim, imagina-se com tais personagens a configuração de um espaço entremeado por sombras onde os contornos não se delimitam e a vida, mesmo que parcialmente, escapa (BATISTA e BAPTISTA, 2018).

O limiar que esses corpos nos põem a imaginar é, então, ambivalente. Por um lado, é remetido à configuração fronteira das encruzilhadas de seu existir com falas, apontamentos e políticas que encurralam sua passagem pela vida e conduzem compulsoriamente à indução de sua morte. Mas, também é indicativo dessas mesmas encruzilhadas como espaço simbólico e real nos quais se opera a ampliação de possibilidade de vida, o desmantelo de toda política de morte, o desarrajo da história que tentou suplantar o viver (RUFINO, 2019).

Curiosamente, sua capacidade de encantamento é efetivada contra a própria concepção de encantamento. Explicamos! Para Simas e Rufino (2020), o termo encantar é oriundo do latim *incantare*, fazendo referência ao canto enfeitiçador e inebriante que cria outros sentidos para o mundo. O oposto disso, seria, então, o desencantamento, entendido por eles como formas de despotencializar, subordinar e desvitalizar a vivacidade das pessoas e do mundo. O desencantamento seria, nesses termos, “uma política de produção de escassez e de mortandade” (2020: 11) que implicaria num silenciamento.

Pois bem, somemos a essa definição a observação feita por Foucault de que a mesma infâmia que faz com que estes personagens tenham sua vida minorada ou extirpada, será também condutora de certo fio de potência que faz com que eles persistentemente consigam se manter vivos, não completamente mortos, tornando-os “senão aquilo pelo qual se quis ajoujá-los: nem mais nem menos” (FOUCAULT, 1992: 103). Assim, é do seu silêncio e silenciamento, então, que advém a concretude de sua possibilidade de produzir a denúncia do desencantamento e a potência do ré-encantamento do mundo.

Neste sentido, a potência de suas histórias reside e pode ser intensificada por um particular artefato, seu silenciar. Nesse caso, como bem nos recordam Simas e Rufino, “é preciso ouvir o silêncio” (2020: 16).

Silêncios e outros perigos

É muito conhecida a passagem da Odisseia, na qual Homero conta que, ao se encontrar com as temidas sereias da ilha de Capri, o herói Ulisses teria se amarrado ao mastro do barco e tapado os ouvidos dos seus marinheiros com cera de abelha. Dessa forma, ele teria evitado ser tragado para o fundo do mar, inebriado pelo canto das mulheres-peixe.

Franz Kafka, no breve, mas fulgurante conto *O Silêncio das sereias*, faz uma releitura desse episódio épico. Para o escritor tcheco, de fato, Ulisses não sucumbiu diante do encontro com os seres encantados da ilhota. Porém, tal vitória não teria se dado pelo fato dele ter se acorrentado e tapado os ouvidos com cera, deixando, assim, de ouvi-las cantar. Kafka (2002) narra que Ulisses, acreditando estar a salvo do perigo de escutá-las, devido à cera no ouvido e ao molho de correntes que o amarrava, avistou as sereias e, confiante, acreditou que elas cantavam. Porém, algo de inusitado aconteceu: elas silenciaram⁶. Com esta releitura, Kafka afirma que o silêncio seria “uma arma ainda mais terrível que o canto” (2002: 104), arma da qual seria impossível qualquer escapatória. Qual perigo o silêncio pode nos ofertar?

Benjamin, mais uma vez, em um belo ensaio no qual reflete sobre a obra do escritor, diz que as sereias silenciam

talvez por que a música e o canto são para ele uma expressão ou pelo menos um símbolo da fuga. Um símbolo da esperança que nos vem daquele pequeno mundo intermediário, ao mesmo tempo inacabado e cotidiano, ao mesmo tempo consolador e absurdo, no qual vivem os ajudantes. (BENJAMIN, 1994: 143-4)

Benjamin vislumbra, portanto, nas narrativas criadas por Kafka, autor muitas vezes acusado de criar mundos esmagadores dos quais não haveria escapatórias para o homem comum, possibilidades de saídas. Propomos aqui também uma releitura ou certa inversão daquilo que é trazido pelo pensador alemão ao ler Kafka. Pretendemos reafirmar o silêncio como uma arma perigosa, conforme apresentado pelo escritor em seu conto, porém, ao mesmo tempo, o silêncio, e não o canto ou a música, como um símbolo de esperança.

Silêncio como signo de uma salvação não redentora, precária, que pode advir dos lugares mais inesperados e que possui a capacidade de colocar em cena, mesmo que de forma muito breve, alguma interrupção. O silêncio tornar-se, nesta proposta, um artefato perigoso, não porque ameaça extinguir a vida, mas por ameaçar o aparente desenrolar natural dos fatos, por colocar em risco a profusão de “eus” com seus rígidos contornos e por interromper a produção massificante de sentidos no contemporâneo, deixando, assim, alguma brecha para a irrupção da diferença como intensidade.

Desta forma, seria o silêncio, e não o canto, a expressão daquele encantamento possibilitado pela experiência infame e ultrajante de dois corpos com duas capitais brasileiras. Como adverte Michel Foucault: “esse canto puro – tão puro que ele nada mais fala que não seja do seu refúgio devorador -, é preciso renunciar a ouvi-lo, tapar os ouvidos, transpô-lo como se fosse surdo para continuar a viver e então começar a cantar” (FOUCAULT, 2009: 234).

A aposta ensejada aqui é, portanto, na escuta e na amplificação deste perigoso, mas não mortificante, silêncio. Para que, desta forma, consigamos recusar

⁶ De acordo com o narrado no canto XII da Odisseia, Ulisses teria sim ouvido o canto das sedutoras e mortais criaturas, já que ele não tapara os seus ouvidos, apenas o de seus marinheiros. Porém, por estar amarrado ao mastro do navio e os seus homens não o ouvirem gritar desesperadamente pedindo para ser desamarrado, ele teria sobrevivido a este episódio.

os cantos e desencantos das sereias contemporâneas que parece nada nos dizer, mas que nos incita a ouvi-los a todo o tempo e nos impede de criar cantos outros, menos devoradores e paralisantes. Cantos que nos trariam algo que realmente valha a pena ouvir... ou apenas o vazio.

Ou seja, silêncios que possibilitem outras formas de encantamento com a vida, com nossas cidades e com o mundo. Nesses termos, trata-se também de fazer ressoar tais formas de vida para além do que delas se disse. Fazê-las acontecimento que desmancha as certezas, linhas e uniformidade dos desenhos de duas cidades planejadas feitas contra essas vidas (LISPECTOR, 1998).

Murmúrios: por uma ética dos encantos silenciosos

As histórias da produção de infâmia desses personagens nos põem a pensar, portanto, acerca de uma ética do silêncio por eles praticada, em meio a todo o burburinho disciplinador dirigido às suas vidas. Ética que, dentre as muitas oposições que firma em relação aos modos de existir em voga, descarta alinhar-se a um tempo caracterizado pelo excesso de falas (sobre si e o mundo). Tempo no qual o excesso de informações e de imagens a nos bombardear constantemente dificulta a constituição de memória e de alguma experiência que desloque.

Foucault expôs a emaranhada rede que se criou atrelando discurso, poder e cotidiano, retirando deste aquilo que seria uma de suas forças constituintes: sua possibilidade de surpreender. Intensa discursificação da vida, escrita das mínimas práticas do dia-a-dia. O antigo mecanismo da confissão, caro ao cristianismo, foi se difundindo e se conectando a fazeres outros que não apenas o religioso e assim alcançou outros tons nas áreas da administração, justiça, pedagogia, psiquiatria, entre outras.

Investimento sobre a vida que se faz ativo pelo registro minucioso de tudo que lhe diga respeito, dirá o filósofo francês. Construção de uma rede de dizibilidade da vida que pretende conectar passado, presente e futuro. O insignificante vai, assim, deixando de pertencer ao silêncio e as vidas infames passam a ser arrancadas da noite a qual pertenciam, atingidas pelas luzes da razão. Homens, mulheres, crianças, passam a adquirir formas engessadas e são convocadas a compor biografias.

Também Benjamin (1994b) nos alertou sobre a dificuldade cada vez mais acentuada da capacidade de se intercambiar experiências frente ao crescente domínio da informação. Haveria um empobrecimento da experiência em meio à enxurrada de fatos e imagens que já nos chegam acompanhados de explicações, não deixando, assim, espaço algum para a fabulação. Hoje, o domínio da informação adquiriu uma espessura antes imaginável. As sociedades atuais, as quais Gilles Deleuze (1992) denominou de sociedades de controle, passaram a funcionar por “controle contínuo e comunicação instantânea”. Seu diagnóstico devastador sobre as formas sutis e transversais com que se exerce tal controle, todavia, não deixa de indicar possibilidades de resistência. Em entrevista a Toni Negri, o filósofo francês afirma que: “É preciso um desvio da fala. Criar foi sempre coisa distinta de comunicar. O importante talvez venha a ser criar vacúolos de não-comunicação, interruptores, para escapar ao controle” (DELEUZE, 1992: 221).

Se o poder é violento ao impedir que o outro fale, ao produzir espaços de abandono e de exclusão, ao escrever a história dos grandes acontecimentos legando ao homem comum um silêncio imposto e infértil, ele também o é - de forma sutil e, por isso, mais eficiente - ao estimular e fazer com que o próprio indivíduo deseje a confissão e a exposição de si, sem a necessidade de qualquer forma de

extorsão. Tal é o feitiço atuante há algum tempo em nossas formas de subjetivação.

Retiramos a potência do silêncio de um corpo quando o arrancamos da noite a que pertencia e impedimos que ele possa recusar um nome, uma biografia ou um destino. Ao constituirmos rostos sem ambiguidades, desprovidos da possibilidade de carregar consigo histórias abertas a desdobramentos inesperados (BAPTISTA, 2010). Suprime-se, assim, a radical potência de seu silêncio no momento que incidimos mais luz sobre este corpo. Corpo atravessado pela confissão religiosa, pelo interrogatório jurídico, pelo questionário médico, pelos apelos midiáticos, pela solicitação a falar de si para poder se liberar de seus complexos, pela convocação a mostrar-se para assegurar o não desaparecimento, pelo medo da invisibilidade.

Em contraposição, o silêncio, como exercício ético-político dessas vidas, amplifica a resistência a um tempo no qual mínguem as possibilidades de interrupção de sentidos pré-concebidos, de composição de histórias abertas, de produção de fissuras onde o inusitado possa se dar. Silêncio que coloca em cena, portanto, a possibilidade de recusa aos encantamentos contemporâneos aprisionadores.

Talvez em espaços inconclusos onde tal forma de silêncio habite seja possível ouvir o murmúrio da vida que se politiza sem recorrer ao alarde; daquilo que permanece no lugar onde foi destinado a desaparecer; do que se reinventa; da política travestida de saco de lixo, de existência-relâmpago que se põe a questionar, com a invisibilidade que lhe foi produzida, a eficácia do planejamento de uma cidade modelo. Histórias de lixos urbanos, que, nesse seu proceder minúsculo, burlam um poder que editava suas histórias com um fim previsível. E, assim fazendo, “diziam à cidade entranhada em seus corpos que ainda existiam amorosamente vivos; um amoroso fedido por misturas de afetos que atravessava os corpos cariados por embates do agora e do passado” (BAPTISTA, 2013: 156).

Os fatos são sonoros: a frágil imobilidade de duas vidas miseráveis que se tornam invisíveis aos olhos, mas que sussurram uma existência contingente. Como nos faz lembrar Clarice Lispector, novamente ela, é o sussurro que (deveria) impressiona (r).

Recebido em 22 de maio de 2023.

Aprovado em 1 de agosto de 2023.

Referências

- FONSECA, L. B. *Imagens do cotidiano de uma cidade que se faz fronteira*. Psicologia, Universidade Federal Fluminense, 2019.
- BATISTA, L.; BAPTISTA, L. A. Limiars e fronteiras de uma cidade que ainda vive. *Interação em Psicologia*, 22 (03): 151-157, 2018.
- BAPTISTA, L. A. *A cidade dos sábios*. São Paulo: Summus, 1999.
- BAPTISTA, L. A. Noturnos Urbanos: interpelações da literatura para uma ética da pesquisa. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10: 103-117, 2010.
- BAPTISTA, L. A. Epifania urbana sobre corpos imóveis. *Redobras*, 12(4), 2013: 154-157.
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2018.
- BENJAMIN, W. “Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. pp. 137-164.
- BENJAMIN, W. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. pp. 197-221.
- DELEUZE, G. “Controle e Devir”. In: *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992. pp. 213-22.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.
- FOUCAULT, M. “A vida dos homens infames”. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992, p. 89-128.
- FOUCAULT, M. *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. “O pensamento do exterior”. In: *Ditos e Escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- KAFKA, F. “O silêncio das sereias”. In: *Narrativas do espólio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. pp. 104-106.
- LISPECTOR, C. *A Hora da Estrela*. 12 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- NAIDIN, J. Vidas Heterotópicas, Vidas Infames, Vidas Outras: um percurso antropológico no pensamento de Foucault. *Revista de Filosofia Aurora*, 28(45): 1027-1048, 2016.
- REBUÁ, E. Walter Benjamin e a fantasmagoria. *Revista Cult*, 21(245), maio de 2019.

RIBEIRO, E. S. *Imagens que cortam: interrupções da literatura para uma ética do silêncio*. Psicologia, Universidade Federal Fluminense, 2022.

RUFINO, L. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, A. C. M. *O Rio de Janeiro de Lima Barreto por Affonso Carlos Marques dos Santos, Francisco de Assis Barbosa e Paula Beiguelman*. Rio de Janeiro: Ri-oarte, 1983.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.